

INCLUSÃO ESCOLAR O QUE É? POR QUÊ? COMO FAZER?

MARIA TERESA EGLÉR MANTOAN



summus
editorial

INCLUSÃO ESCOLAR

O que é? Por quê? Como fazer?

Copyright © 2004, 2015 by Maria Teresa Eglér Mantoan
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Coordenação da Coleção Novas

Arquiteturas Pedagógicas: **Ulisses F. Araújo**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7^o andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	13
1 O QUE É INCLUSÃO ESCOLAR	19
Integração ou inclusão?	24
2 POR QUE EFETIVAR A INCLUSÃO ESCOLAR.	31
A questão da identidade <i>versus</i> diferença	33
A questão legal	37
A questão das mudanças	53

3 COMO FAZER A INCLUSÃO ESCOLAR	61
Recriar o modelo educativo	64
Reorganizar as escolas: aspectos pedagógicos e administrativos	67
Ensinar a turma toda, sem exceções nem exclusões . . .	71
E a atuação do professor?	78
Preparar-se para ser um professor inclusivo	79
Diferenciar para incluir ou diferenciar para excluir? . .	83
Uma pedagogia da diferença	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
NOTAS FINAIS/AGRADECIMENTOS	95

PREFÁCIO

O QUE É, POR QUE E COMO FAZER A INCLUSÃO ESCOLAR são alguns dos questionamentos feitos por Maria Teresa Eglér Manton para manifestar seu entendimento sobre o direito inalienável de todos à educação e para alicerçar uma concepção de educação inclusiva que atue na transformação da escola para que não se exclua nenhum estudante.

A ideia de educação inclusiva, que, nas últimas décadas, impulsionou mudanças significativas na educação em âmbito internacional, fundamentou a elaboração da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (Brasil, 2008) e orientou a transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, registrando uma evolução sem precedentes no acesso de pessoas com deficiência à escola comum.

Afirmar que o Brasil mudou sua política de educação especial e melhorou em todos os aspectos – com a garantia da matrí-

* BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

cula, do financiamento público e dos recursos de acessibilidade na escola comum – não significa, contudo, dizer que os nossos problemas históricos quanto à garantia do direito à educação aos estudantes com deficiência foram resolvidos.

Não podemos esquecer que nosso passado recente revela uma história de exclusão escolar das pessoas com deficiência. Por muitas décadas, alegando-se incapacidade dos estudantes com deficiência de acompanhar os demais alunos, manteve-se a prática de segregação, reforçada pelo paradigma da normalização. Tal estado de coisas perpetuou-se também no período da integração, que nada mais fora que um anúncio da possibilidade de inclusão escolar para aqueles estudantes que conseguissem adequar-se à escola comum, sem que esta devesse revisar seus pressupostos.

Nesta obra, questionam-se a concepção e as práticas homogeneizadoras da escola que marcaram estruturalmente a educação do país, produzindo o preconceito e as distintas formas de discriminação.

A edição revista que ora se apresenta analisa o contexto de mudanças que começa a abalar as bases estruturantes do modelo segregacionista de educação no Brasil. Constatando os avanços ocorridos em relação aos marcos legais, políticos e educacionais que fundamentam a atual política nacional de educação especial, são discutidos os desafios da inclusão escolar, propostas e possibilidades efetivas de superação de problemas enfrentados na escola.

A partir da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, verifica-se a quebra da hegemonia do modelo de segregação absoluto nas normas educacionais. Os documentos legais e as ações institucionais subsequentes reforçaram a perspectiva inclusiva e, cada vez mais, fortaleceram o novo rumo da modalidade de educação especial – que passa a ser responsável

pela organização e oferta de atendimento educacional especializado (AEE), apoiando assim a inclusão escolar do seu público-alvo.

Neste livro, Maria Teresa Mantoan registra e analisa o caminho percorrido no último decênio e aponta os desafios para consolidar os avanços obtidos, assim como as perspectivas de continuidade da luta por uma educação de todos e de todas.

A professora alerta-nos para a necessidade de profundas mudanças na escola, por meio do questionamento à organização curricular e ao trabalho pedagógico, objetivando uma reestruturação que possibilite eliminar os diversos fatores que produzem a exclusão escolar e promovendo, assim, o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino.

Nessa perspectiva, a emergência de propostas educacionais avançadas em sistemas de ensino que começam a se modificar e a investir na qualidade da oferta educacional para todos significa a possibilidade de concretizar o desafio da inclusão escolar.

Conhecendo o potencial teórico da educação inclusiva e sua implicação no campo da mobilização social, a coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped), da Unicamp, afirma a importância da análise do nosso contexto, não apenas para entender as dificuldades da escola de atender estudantes com deficiência e outros como para apontar o propósito da inclusão como objetivo primordial dos sistemas de ensino.

Uma das máximas da autora é a de que incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças, indistintamente. Ela propõe um deslocamento da visão educacional que se sente ameaçada pela inclusão para uma perspectiva que se abre para os novos saberes, os novos estudantes e as outras formas de ensinar e avaliar a aprendizagem.

Assim, encontramos, nesta obra, um chamamento à capacidade que as escolas têm de romper com tudo que descaracteriza a forma de ser educador e de fazer a educação e à possibilidade que têm de se transformar em ambientes educacionais inclusivos, assegurando o acesso e o prosseguimento da escolaridade a todos os estudantes, considerando as características individuais de aprendizagem.

O caminho de uma escola aberta para todos é o que se vislumbra atualmente com a institucionalização e a expansão de políticas públicas educacionais que superam a segregação e a discriminação e assumem o compromisso com a identificação e a eliminação das diversas barreiras à inclusão.

Tais políticas visam induzir à inovação pedagógica, alterando o cerne da formação inicial e continuada de professores, promovendo a adequação dos ambientes escolares, a institucionalização de serviços e a disponibilização de recursos para acessibilidade. Tudo isso assume significado quando entendemos as várias facetas da ruptura com o velho modelo de segregação e sentimo-nos revigorados com as mudanças trazidas pelo novo paradigma da inclusão.

Não há receita para mudar a escola!

Reinventar nossas práticas e mentalidades é parte da tarefa do nosso tempo. Tempo de inclusão!

Claudia Pereira Dutra

*Secretária Nacional de Educação Especial do Ministério
da Educação entre 2003 e 2013*

Martinha Clarete Dutra dos Santos

*Diretora de Políticas de Educação Inclusiva do
Ministério da Educação*

APRESENTAÇÃO

CARO COLEGA,

minha vida de professora começou cedo – aos 17 anos –, e já faz um bom tempo! Passei por inúmeras experiências escolares. Dei aulas para crianças, jovens, adultos, em escolas regulares e especiais. Hoje, estou no ensino universitário, como docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lecionei até 2013 no curso de Pedagogia e continuei como professora plena, ministrando disciplinas e orientando alunos nos cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação. Desde 1996, coordeno um grupo de pesquisa na Unicamp, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped), no qual oriento e desenvolvo trabalhos científicos.

Gosto e sempre gostei do que faço. Minha carreira é fruto do meu encanto pela educação.

Neste livro, quero lhe falar de minhas ideias sobre o ensinar e o aprender, compartilhando o que vivi em minha caminhada

educacional. Minha intenção não é simplesmente expor o que penso, mas dialogar comigo mesma e com você, leitor, sobre problemas, questões, dúvidas que carrego no dia a dia de trabalho, além de compartilhar bons momentos, sucessos e também os meus sonhos. São muitos os percalços e as alegrias que vivemos nessa lida de escola. A gente deixa passar, mas não devia.

Sempre existe a possibilidade de as pessoas perceberem que podemos enxergar de outros ângulos o mesmo objeto/situação, que conseguimos ultrapassar obstáculos que julgamos intransponíveis, que somos capazes de realizar o que tanto tememos de início, vencer nossas inseguranças, de nos deixar levar por novas paixões... As transformações movem o mundo, modificando-o, tornando-o sempre diferente, porque passamos a entendê-lo e a vivê-lo de outros modos.

Como estão hoje as nossas escolas? Houve mudanças após a primeira edição deste livro? Já se passaram dez anos...

Todos sabemos que as transformações da escola dependem de um compromisso coletivo de professores, gestores, pais e da sociedade em geral. É difícil o dia a dia da sala de aula. Esse desafio que enfrentamos tem limite – o da crise educacional que vivemos, tanto pessoal como coletivamente, deste ofício que exercemos.

Em que nos apegamos para nos sustentar nessa crise? Será que todos temos consciência de sua gravidade e complexidade? E do nosso papel para mantê-la ou revertê-la? O que nos tem guiado para não perdermos o norte de nossa trajetória profissional?

Ideias e verdades não nos tiram inteiramente das dificuldades e muito menos são definitivas. Temos de nos habituar a reaprender constantemente com as nossas ações, individuais ou coletivas: essa é uma atitude que funciona bem.

E o que fazemos de nossos encontros formais e informais nas escolas para esse fim? Lamentamos o nosso destino, o destino de nossos alunos, ou aproveitamos esse tempo para saber para onde queremos ir? Que novas medidas temos de adotar para romper o cerco do pessimismo e da incerteza, do fracasso e da mesmice de nossa atividade profissional?

Quantas questões já de início! Seria essa a melhor maneira de se iniciar um livro? E por que não, se minha vontade é sair em busca de respostas – sempre inconclusas, sem dúvida, mas que nos orientam, quando vamos ao encontro de melhores condições de ensinar.

Estou convicta de que, na maioria das vezes, remo contra a maré educacional. Mas já estou habituada, pois faz tempo que ensino. E do meu jeito!

Reluto em admitir certas medidas adotadas pela escola para reagir à diferença de todos nós. De fato, elas existem, persistem, insistem em se manter, apesar de todo o esforço despendido para se demonstrar que as pessoas são seres singulares, que estão sempre se diferenciando, interna e externamente e, portanto, não cabem, nem caberão, em categorizações, modelos, padrões.

Mais do que demonstrar, tenho procurado reconstruir, tijolo por tijolo, como uma obra de restauração minuciosa e ciosa de sua importância, a organização do trabalho pedagógico, das grandes linhas aos seus menores detalhes – ou seja, dos princípios, dos valores e da estrutura macroeducacional às atividades e iniciativas que brotam do cotidiano escolar.

Precisamos ressignificar o papel da escola com professores, pais e comunidades interessadas e instalar, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivência. São as escolas que têm de mudar e não os alunos, para que estes tenham assegura-

do o direito de aprender, de estudar nelas! O direito à educação é indisponível e natural, não admitindo barganhas. Não há o que negociar quando nos propomos a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte, diferenciado para os mais e os menos privilegiados. Meu objetivo, em uma palavra, é que as escolas sejam instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas.

Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, por isso, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno – segundo suas capacidades e seus talentos – e de um ensino participativo, solidário, acolhedor.

A perspectiva de formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação, da colaboração, da convivência, do reconhecimento e do valor das diferenças, que marcam a multiplicidade, a natureza mutante de todos nós.

Aprendemos a ensinar segundo a hegemonia e a primazia dos conteúdos acadêmicos e temos, naturalmente, muita dificuldade de nos desprender desse aprendizado, que nos refreia nos processos de ressignificação de nosso papel de professor seja qual for o nível de ensino em que atuamos.

Vale perguntar, então, se estamos, verdadeiramente, certos de que o nosso papel é o de transmitir um saber fechado e fragmentado, em tempos e disciplinas escolares que nos aprisionam nas grades curriculares. Fomos reduzidos a meros instrutores, que conduzem e norteiam a capacidade de conhecer de nossos alunos, transformando-os em seres passivos e acomodados a aprender o que definimos como verdade? Já nos consultamos

sobre o nosso compromisso educacional maior, seja no nosso íntimo, seja no coletivo de nossas escolas, em nossas organizações corporativas?

Essas questões de fundo precisam ser mais expostas e debatidas, porque é fundamental que tenhamos bem claro o nosso sonho educacional, ou melhor, o que queremos viver quando dedicamos horas, dias, anos a ensinar.

Estamos todos no mesmo barco e temos de assumir o comando e escolher a rota que mais diretamente nos pode levar ao que pretendemos. Essa escolha não é solitária e só vai valer se somarmos nossas forças às de outros colegas, pais, educadores cientes de que as soluções coletivas são as mais acertadas e eficientes.

Não esperemos que as respostas venham de fora – dos sistemas educacionais, das organizações internacionais, dos bancos financiadores de projetos. Eles poderão tolher nossa liberdade de conduzir o barco, desrespeitando nossa identidade nacional em todas as suas especificidades e, pior, desconhecendo nossa capacidade de estabelecer rotas educacionais próprias, que vão se diferenciando em cada caminho que se traça para que nos aproximemos da escola com a qual sonhamos. Que não venham para nos transmitir suas experiências bem-sucedidas, e universalizantes, mas que possam trabalhar conosco para concretizar nossos desejos locais, atendendo às características, à vida e ao contexto de cada escola.

Desde criança vislumbrei como seria uma escola em que eu pudesse estudar e ensinar, e em cada etapa de meus estudos fui acrescentando, modificando, aperfeiçoando o seu esboço. Sofri muito nos bancos escolares, pela dificuldade de me adaptar à

rigidez e às incompreensões dos ambientes de estudo dos quais participei. Hoje, reconheço-me em muitas crianças, encontro-me no olhar de alunos que, como eu, discordam da escola em que estudam e se desencantam com ela. Revivo meus tempos de estudante.

Voltando ao tema deste livro, sobre o qual tenho me dedicado nestes últimos anos de trabalho, ele será apresentado (didaticamente?) por meio de três questões que são recorrentes em palestras, encontros e reuniões das quais tenho participado do início dos anos 1990 até os dias de hoje. Quanto tempo e tantas dúvidas! Pretendo responder, em três capítulos: a) o que é inclusão escolar; b) quais são as razões pelas quais ela tem sido proposta e quem são seus beneficiários; c) e como fazê-la acontecer nas salas de aula de todos os níveis de ensino. Muita pretensão de minha parte? Quem sabe... Não sei se conseguirei, mas assim espero.

O fato é que não posso perder o foco desta obra e tendo a pegar atalhos, a fazer meus zigue-zagues, contornos de pensamento.

Não existe “o” caminho, mas caminhos a escolher, decisões a tomar. E escolher é sempre correr riscos. Que seja assim.

Com carinho,

Maria Teresa Eglér Mantoan

Campinas, novembro de 2014

.....

1

**O QUE É
INCLUSÃO
ESCOLAR**

